



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES – CH**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

**MEMÓRIAS ARTESÃS DE RIBEIRA DE CABACEIRAS: (RE) SIGNIFICANDO  
EXPERIÊNCIAS TRADICIONAIS NA SOCIEDADE GLOBALIZADA**

**ÁLLYSON DE FARIAS CAMPINA**

**ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Marinalva Vilar de Lima**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2006**

**ÁLLYSON DE FARIAS CAMPINA**

**MEMÓRIAS ARTESÃS DE RIBEIRA DE CABACEIRAS: (RE) SIGNIFICANDO  
EXPERIÊNCIAS TRADICIONAIS NA SOCIEDADE GLOBALIZADA**

Monografia apresentada por Állyson de Farias Campina em cumprimento às exigências para a conclusão do Curso de Especialização em Historiografia e Ensino de História, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima.

**Campina Grande – PB**

**2006**

**ÁLLYSON DE FARIAS CAMPINA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima

---

Membro: Prof. Ms. Alarcon Agra do O

---

Membro: Prof. Dr. Antônio Clarindo de Souza Barbosa

APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Campina Grande – PB**

**2006**



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

## AGRADECIMENTOS

---

Acredito que agradecer seja um ato nobre, porém seletivo, como a própria memória. Elenco alguns indivíduos que nessa hora que escrevo vêm à mente como pessoas que ajudam/ajudaram de alguma forma, tanto na elaboração deste trabalho, como, também, em minha vida profissional.

A **Antonio, Neuma, Paula e Renata** que nunca desacreditaram na minha pessoa... lembro de vocês quatro sempre... nessa hora que escrevo, só lembro, mas paro de escrever.... não consigo enxergar a tela do computador... me emociono toda vez que preciso lembrar da importância de vocês na minha vida.

À **Virginia**, minha companheira que soube como ninguém conviver com as minhas faltas. Eu precisava está diante do computador para cumprir uma série de atividades e você soube/sabe entender isso. Saiba que nas entrelinhas desse texto está escrita a nossa história de amor.

A **Arthur**, meu pequeno rebento, continuidade da minha história e da minha vida. Sei que vou ficar muitas vezes fora trabalhando, mas saiba que faço isso porque preciso ver você e sua mãe sonharem. Acredito que essa é a minha maneira de construir sonhos. Você vai me ensinar outras mais nobres...

À **Luzia Lourdes** (in memorian)... saudades dos domingos onde ia contemplar teus cabelos brancos....

A Angelo Rafael e Teresa Bezerra... meus primeiros contatos com grandes artesãos. Esse texto é uma forma de perpetuar os seus ofícios.

À minha orientadora **Marinalva** pela paciência de ler/reler os meus textos e compartilhar com as minhas idéias de forma tão respeitosa.

Aos **professores da Especialização** que me proporcionaram uma retomada ao saber histórico.

Aos amigos professores dos Colégios MOTIVA e CIC-DAMAS, em especial, **Cícero Agra, Marcelo, Fábio Freitas, Adeildo, Ynakam, Jailton, Gilma D'arc...**

Ao amigo **Stellio Mendes** pelas conversas empolgadas sobre cultura popular, arte, fotografia e cinema. Grande amigo, esses escritos têm um pouco de você.

Ao professor **Carlos Barbosa**, agradeço pela chance que me deu de ser um professor respeitado e digno quando abriu as portas da sua Escola para minha pessoa.

Aos detentores dos ofícios de Ribeira e Cabaceiras em especial ao sr. Messias, Nino Praxedes, Itamar, Claudiane entre outros. Obrigado por terem me emocionado com suas falas... com suas tradições e com suas vidas....

Aos amigos... que porventura não imprimi os nomes nesta folha, meu muito obrigado...

## RESUMO

---

Este trabalho monográfico apresenta reflexões acerca das atividades artesanais tradicionais encontradas na região de Ribeira (distrito de Cabaceiras). Estando subdividido em três capítulos, o qual respalda-se em pesquisas de campo e bibliográficas acerca das concepções de estudiosos como E. P. Thompson, Nestor Garcia Canclini e Maurice Halbwach. Sendo que no primeiro capítulo, traçamos uma discussão a respeito da importância da História Social como um dos eixos norteadores de nossa pesquisa refletindo a mesma como uma categoria explicativa da História criada a partir das reflexões em torno da crise do pensamento ocidental, início do século XX. No capítulo dois trabalhamos com as memórias dos artesãos de Ribeira, e nesse sentido, focamos as nossas reflexões num lugar que representava a própria possibilidade de continuidade de continuidade do ofício tradicional no couro: a oficina do Sr. José Messias. Isso nos proporcionou pensar sobre dois elementos constitutivos do nosso trabalho: tradição e memória. Já no terceiro capítulo, discutimos como as práticas instituídas como tradicionais passam a ser valorizadas no mundo globalizado e como os artesãos passam a (re)inventar estratégias de convivência com a aldeia global que lhes fornece inúmeras possibilidades como por exemplo, a de oferecer seus artefatos como símbolos do saber-fazer tradicional. Nesse sentido, utilizamos conceitos como o de hibridização, utilizado por Nestor Canclini, que nos oferece possibilidades de entendimento do artesanato como uma atividade em constante processo de (re) significação para a convivência com a globalização.

**PALAVRAS-CHAVES:** Artesanato, Memória, Globalização.

## SUMÁRIO

---

	<b>Páginas</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I – A emergência da História social nos debates acerca do mundo do trabalho</b> .....	15
1.1 A importância de E. P. Thompson.....	15
<b>CAPÍTULO II – A memória-mundo dos ofícios</b> .....	22
2.1. O ofício do Couro: historicizando uma prática .....	22
2.2. A memória-mundo dos ofícios: a importância da História oral .....	26
2.3. A oficina do Sr. Messias: passado, tradição e memória .....	30
<b>CAPÍTULO III – O saber-fazer especializado: mercados exigentes e práticas (quase) esquecidas</b> .....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	49
<b>FONTES</b> .....	52



## A Verdade

*A porta da verdade estava aberta,  
Mas só deixava passar  
Meia pessoa de cada vez;  
Assim não era possível atingir toda a verdade,  
Porque a meia pessoa que entrava  
Só trazia o perfil de meia verdade,  
E a sua segunda metade  
Voltava igualmente com meios perfis  
E os meios perfis não coincidiam verdade...  
Arrebentaram a porta.  
Derrubaram a porta,  
Chegaram ao lugar luminoso  
Onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em metades  
Diferentes uma da outra.  
Chegou-se a discutir qual  
a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era totalmente bela  
E carecia optar.  
Cada um optou conforme  
Seu capricho,  
sua ilusão,  
sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade.

## INTRODUÇÃO

---

A queda do Império Soviético varreu os dois tetos do mundo: o socialismo e o capitalismo. As culturas saíram do freezer da Guerra Fria (...) É preciso agora encontrar um traço de união entre a aldeia global do mundo e as pequenas aldeias dispersas.

Carlos Fuentes

Com a emergência da Nova Ordem Mundial, a partir da queda do modelo Soviético em 1991, o mundo passa a vivenciar novas experiências econômicas, políticas, culturais e sociais. A economia mundial torna-se mais dinâmica. Uma das características mais evidentes e, reiteradamente evocadas, desta fase recente da modernidade, é a rápida aceleração das relações globais.

Embora muitos especialistas estejam de acordo em reconhecer que o sistema capitalista nasce, desde seu início, como um sistema transnacional, não resta dúvida que, nestes últimos cinquenta anos, fenômenos de ordem econômica, política e cultural fazem da Globalização um dos assuntos mais recorrentes e importantes no universo das reflexões contemporâneas, levadas a efeito pelas ciências humanas e sociais.

Podemos afirmar que o período atual pode ser visto, entre outras coisas, como o momento em que se fortalecem idéias, tais como, o livre trânsito de mercadorias, capitais e pessoas e as possibilidades de produção de mercadorias, nos mais diversos países, que chegam com uma imensa facilidade em todo o globo.

Uma das grandes conseqüências disso tudo é que para atender a esses mercados, que se tornam cada vez mais mundializados, lança-se mão de um imenso aparato tecnológico (cibernética, robótica, biotecnologia); valoriza-se sempre a novidade, o moderno. Todavia, esse mundo dinâmico também produz novas sensibilidades, novas formas de encarar a vida, as **experiências em comum**, as identidades de alguns grupos sociais. Hoje, valoriza-se também os sistemas culturais como, por exemplo, o artesanato, que passa a ser visto pelo IPHAN (Instituto

Histórico Artístico Nacional) como "*Patrimônio Imaterial de uma sociedade*"<sup>1</sup>. No nosso caso, o território de Ribeira de Cabaceiras aparece como um exemplo de experiência artesanal na área de curtimento de peles (couro)<sup>2</sup> que traz em si valores agregados daquela sociedade (cultura, economia, ecologia...).

A manufatura do artesanato em Ribeira de Cabaceiras remonta ao século XIX quando a atividade pecuária tinha uma importância naquela região. O ofício do couro, no referido distrito, consiste no beneficiamento e curtimento de peles caprinas e ovinas com tanino vegetal extraído da casca do Angico (espécie de árvore nativa do semi-árido paraibano), bem como, na confecção de artefatos tradicionais do artesanato coureiro. Este conhecimento técnico, profundamente enraizado no passado<sup>3</sup> e na inter-relação entre o saber-fazer (o homem e a natureza), é um ativo cultural que reflete atributos múltiplos da identidade paraibana e que vem mantendo – ainda - o artesão no seu território de origem, por ser uma das poucas alternativas econômicas para a região. Além disso, é necessário salientar, que os artesãos do distrito de Ribeira, na atualidade, estão vivenciando um momento peculiar da história da comunidade. Os seus produtos estão passando por um processo de valorização estética e econômica, o que faz disso uma outra possibilidade de mantê-los como indivíduos produtores de uma arte dentro do seu território.

Foi a partir de informações como essas, que tivemos a idéia de realizar um estudo no território referido. Num primeiro momento, sabíamos que pensar em um

---

<sup>1</sup> Para cada possibilidade de tombamento existem técnicas e procedimentos específicos. Salienta-se, portanto, que o IPHAN elaborou o INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) desenvolvido para identificar, documentar e registrar bens culturais de base territorial específica a fim de tombá-los. Os inventários são realizados pelo Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – e tem como objetivo produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Contempla, além das categorias estabelecidas no Registro, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística. O INRC das diversas tradições culturais do Brasil está disponível na página [www.portal.iphan.gov.br](http://www.portal.iphan.gov.br).

<sup>2</sup> Vale salientar que o artesanato em couro em Ribeira ainda não está registrado no INRC e IPHAN. Existe, atualmente, um projeto organizado junto ao IPHAN e ABIPTI (Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica) no intuito de registrar o artesanato do couro em Ribeira como Patrimônio Imaterial do Estado da Paraíba.

<sup>3</sup> Percebemos em nossas pesquisas que a tradição de curtimento do couro remonta aos aspectos de tratamento usado no século XVIII, na Europa. A partir do século VIII os árabes introduziram na Península Ibérica a indústria do couro artístico, tornando famosos os couros de Córdova, por exemplo. Em Pérgamo desenvolveram-se, na Idade Antiga, os célebres "pergamínhos" usados na escrita e que eram feitos com peles de ovelha, cabra ou bezerro. Com o couro se faziam também, elmos, escudos e gibões. Os marinheiros usavam-no nas velas e nas embarcações de navios. No Brasil, desde que a colonização se intensificou os rebanhos se multiplicaram rapidamente. Os curtumes eram instalados facilmente e o couro era utilizado para se fazer alforjes, surrões, brucacas, mochilas, roupas, chapéus, selas, arreios de montaria, cordas e muitas outras utilidades. A região de maior concentração de curtumes de ribeira ficam localizados no centro-oeste do Brasil, devido a proximidade dos rebanhos.

projeto que tivesse como principal tema o artesanato coureiro era, antes de qualquer coisa, desafiador, pois o Brasil está inserido numa tradição: a de ser moderno<sup>4</sup>, e sê-lo significa, entre outras coisas, mudar, transformar e, conseqüentemente, destruir o velho, as tradições, as identidades culturais antigas e (re)elaborar outras modalidades concordantes com essa premissa. Assim sendo, partimos para uma pesquisa onde um dos nossos principais focos era o de entender como se estruturou e se manteve a memória dos ofícios de artesãos na comunidade de Ribeira de Cabaceiras, bem como, a preservação histórico-cultural de suas práticas. Pensamos, num primeiro instante, em buscar entender as características daquela comunidade que aparecem para nós como um dos elementos constituintes de sua identidade.

Cabe aqui destacar a iniciativa do prefeito Arnaldo Junior Farias Doso que inventou Cabaceiras e Ribeira como lugares significativos para a criação e exploração do bode, a partir da criação da "*Festa do Bode Re*" que passa a articular uma imagem das referidas comunidades enquanto locais, como também, de artesanato, criando, assim, a idéia de que aquelas localidades despontavam para o chamado "*turismo de eventos*"<sup>5</sup>.

Ainda em se tratando de proposta tão desafiadora, nossa intenção foi mantida como tal, pois existe uma idéia fundante de que esses assuntos relacionados à preservação são cabíveis somente às pessoas especializadas, visto que têm um saber institucionalizado e autorizado por uma academia. Isto somado à idéia – existente em alguns segmentos da sociedade – de que esses assuntos nada têm a contribuir com o projeto de modernização e desenvolvimento dos espaços (sejam cidades ou pequenos distritos), e, quando têm, servem para cristalizar e sacralizar um passado que pertence a poucos. Constrói-se uma idéia de história que se confunde com uma idéia de nação, como se essa história fosse a história de toda a sociedade, negando, portanto, as diferenças, as várias leituras de mundo, os vários projetos identitários, as idéias e esperanças, a pluralidade cultural que constitui o indivíduo. Segundo Paula Montero: "como se sabe a construção dos Estados Nacionais foi, freqüentemente, a história do processo de homogeneização das múltiplas práticas culturais existentes em diferentes grupos populacionais no interior

---

<sup>4</sup> Sobre essa discussão ver: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafos de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; REZENDE, A. Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997; etc.

<sup>5</sup> Por Turismo de Eventos nos entendemos que são festas organizadas pelos poderes públicos com objetivo de levar para as cidades um grande número de turistas com objetivo de dinamizar as economias locais.

de um território”.<sup>6</sup> Donde resulta uma vontade de homogeneizar práticas heterogêneas em uma fórmula que visa a construir referências que retira o caráter plural das culturas.

Um outro aspecto importante do nosso projeto diz respeito à idéia de que, com o passar do tempo, estes artesãos vivenciaram as mudanças econômicas e culturais tão presentes nas sociedades do semi-árido e, dessa forma, seu “*saber fazer*” também se modificou. A título de exemplo, foi um choque muito grande para esses artesãos a inserção de motocicletas no campo, o que veio, em grande parte, a substituir os muares nas suas diversas tarefas. Como conseqüência disso, os artesãos deixaram de produzir celas, arreios e a própria roupa do vaqueiro.

Por outro lado, a partir da década de 1990, alguns projetos oficiais<sup>7</sup> e particulares foram realizados com vistas ao conhecimento, à modernização e ao fortalecimento dos processos produtivos e melhoria dos produtos. Ações que envolveram o florestamento com o angico, usado no curtimento de peles; implantação de viveiros de produção de mudas; reativação e modernização dos curtumes; cursos de curtimento e acabamento de peles, entre outras ações que possibilitaram a auto-sustentabilidade e a qualificação da cadeia produtiva. Ao nosso ver, tais iniciativas foram possíveis graças às mudanças geradas com o processo de globalização e, em grande medida, pelo Turismo<sup>8</sup> – tal como a idéia fundante de que

<sup>6</sup> MONTERO, Paula. *Cultura e democracia no processo de globalização*. In: Cadernos Novos Estudos CEBRAP, nº 44, Março de 1996, p. 91

<sup>7</sup> Dentre os projetos oficiais, estão os financiados pelo Governo do Estado (COMPET, PROGRAMA COOPERAR, PRODEMA), ou por instituições como FAPESQ/PB, SEBRAE/PB, BNB/FUNDECI/ETENE, EMEPA/PB, SENAI/PB.

<sup>8</sup> Compreendemos que o patrimônio cultural em qualquer sociedade é sempre produto de uma escolha e, como toda escolha, tem um caráter arbitrário. Resulta da seleção de alguns elementos, enquanto outros são passíveis de esquecimento e destruição. O patrimônio cultural só pode ser entendido como um conjunto de símbolos. E esse conjunto está sujeito a diversas leituras, apesar de serem comumente apresentados como providos de um significado único.

Espaços, territórios e representações são transformados para realçar aspectos visuais que correspondam aos anseios dos turistas de fruição de belas paisagens e produtos. Atendendo a essa demanda, o mercado cunhou uma série de predicativos para categorizar tipos de atrativos e de atividades: turismo cultural, turismo de negócios, turismo rural, turismo religioso, turismo de aventura e outros. A imagem é então “colada” a essas categorias pela veiculação de cenas específicas: a cidade histórica, o centro metropolitano, o campo bucólico, a multidão de peregrinos, a natureza selvagem, os artesãos nas suas oficinas, etc. Da apropriação de imagens com o objetivo de compor repertórios de lugares turísticos que possam ser mais facilmente identificáveis pelo turista, surgem os espaços cenarizados para o lazer e para o consumo.

Percebemos também que o crescente aumento da demanda do mercado turístico é um dos fatores responsáveis pela produção-preservação de algumas atividades categorizadas como tradicionais. Tal processo é sustentado pela formação e consolidação de imagens de lugares como, por exemplo, as comunidades de Cabaceiras e Ribeira, vistas como lugares carregados de representações tradicionais, autênticas, fora de um padrão global.

há uma valorização do trabalho artesanal no Brasil e no exterior<sup>9</sup> - que possibilitaram tais modificações. Era preciso mostrar um produto esteticamente bem feito e os projetos citados anteriormente estruturavam essa idéia.

Além disso, pensamos que estas considerações tornam-se mais relevantes, na medida em que a cultura popular vem sendo alvo de ações governamentais, de política cultural e de desenvolvimento do turismo, como meio de promoção de cidadania e de igualdade socioeconômica, especialmente desde a segunda metade dos anos 1990.

Por outro lado, num primeiro momento, vimos uma certa desconfiança dos artesãos para com as iniciativas institucionais, pois as mesmas criavam modelos únicos de produção de artefatos para todos os artesãos da comunidade. De certa forma havia, nestes projetos, uma idéia de homogeneização estética dos produtos criados pelos mesmos. Percebemos, no entanto, que os artesãos conseguem a todo instante se adequar a alguns destes modelos como forma de se inserir na própria cadeia produtiva global, ou mesmo, como forma de sobreviver em territórios tão áridos – como o cariri paraibano.

Diante destas possibilidades (globalização/auto-sustentabilidade/modernização da cadeia produtiva/tradições/turismo), propomos fazer uma discussão sobre como esses conceitos instrumentalizam-se dentro de um território como Cabaceiras (e seu distrito Ribeira). Vale ressaltar que nesse texto procuramos entender como o momento atual “propõe” condições variadas para essas comunidades e como a vida desses sujeitos detentores de um ofício, de um saber, que gradativamente vem passando por transformações, vivenciam o que uma leitura mais tradicional coloca como descontinuidade das tradições a que a comunidade estaria ligada, mas que, ao serem pensadas na relação com as necessidades, passa a ter mudanças significativas, seja por adequarem-se ao “novo”, seja por o negarem.

No que concerne à estruturação da monografia, no primeiro capítulo tratamos da emergência da História Social como eixo norteador de algumas pesquisas sobre o *mundo do trabalho*. No referido capítulo, discutimos a emergência de novas categorias explicativas da História a partir do início do século XX, vistas como novas possibilidades diante da crise do próprio pensamento ocidental e, por consequência, dos paradigmas historiográficos.

---

<sup>9</sup> Existe uma certa demanda de produtos artesanais de Ribeira de Cabaceiras para alguns centros como Recife, Fortaleza, Natal, Salvador bem como para a Europa, como nos afirmou o Sr. Renato, da Arteza.

No segundo capítulo, optamos por historicizar o ofício do artesanato em couro na comunidade de Ribeira e em Cabaceiras. Nossa intenção, inicialmente, foi a de entender como o ofício no couro surgiu e se fixou no interior como uma atividade vinculada à pecuária; num segundo momento, discutimos a importância do emprego da história oral no sentido de suscitar/formular perguntas sobre os referidos ofícios; e, num terceiro momento, promovemos um estudo sobre uma das diversas oficinas artesanais do distrito de Ribeira: a oficina do Sr. Messias.

Já no terceiro capítulo, levantamos uma discussão acerca do ofício artesanal no início do século XXI. Debates ainda como os saberes tradicionais passam a se (re)modelar frente às exigências dos mercados que globalizam-se, ora “necessitando” de objetos de arte ditos *refinados*, ora exigindo produtos tidos como tradicionais, por isso, valorizados.

Por fim, refletimos sobre a escritura desse texto trazendo a tona uma discussão a respeito da utilização das técnicas que nos possibilitaram suscitar os principais problemas e questões dos nossos objetos de estudo, bem como conseguimos traçar uma crítica sobre as possíveis limitações que aparecem em algumas teorias, como por exemplo, no nosso caso, a História Social Thompsiana. Isso, nos proporcionou o cruzamento da idéia de E.P. Thompson com a idéia de pensadores como Nestor Canclini.

## CAPÍTULO 1 - A EMERGÊNCIA DA HISTÓRIA SOCIAL NOS DEBATES ACERCA DO MUNDO DO TRABALHO

---

### 1.1. A importância de E. P. Thompson.

*A crise do mundo dos historiadores nasce dos limites e das incertezas da nova história, do desencanto dos homens face às durezas da história vivida.*

Jacques Le Goff

A epígrafe escolhida ressalta uma das intenções deste capítulo, visto que este pretende discutir como durante algum tempo – a partir do final dos anos 1920, mais especificamente - vivenciamos, no mundo ocidental, aquilo que podemos entender como crise<sup>10</sup> do conhecimento histórico. A escrita da história, por exemplo, vinculada aos chamados paradigmas emergentes, tem sido marcada por inúmeras tensões. Pensemos nas várias possibilidades que tivemos – e temos nos dias atuais – de escrever sobre o acontecimento histórico, de reinventá-lo e, por consequência, de escrever a História.

Nos últimos anos, a Academia vivencia com grande fervor a crise de alguns paradigmas do pensar histórico, bem como, a emergência de outros paradigmas substitutivos, que podem ser entendidos como resultado de uma tentativa de se recuperar um certo feixe de problemáticas, cujas potencialidades, longe de terem sido esgotadas, apresentam-se hoje com grandes sinais de vitalidade. Uma dessas matrizes é a História Social.

Até o princípio do século XX permeava, na maioria das academias, o pensar histórico vinculado ao historicismo, à História das nações, ao positivismo. Em 1929, Marc Bloch<sup>11</sup> e Lucien Febvre fundaram a *Revue Annales d'histoire économique et sociale*, inaugurando uma fase nova e absolutamente sem precedentes no campo da

---

<sup>10</sup> Acerca dessa crise cabe destacar que é a partir dela que os historiadores vão se dedicar a pensar sobre o seu ofício, mais especificamente. O debate do que vem a ser a História e suas particularidades em relação as Ciências Sociais que passa a assumir caráter institucional vai possibilitar que se discuta abordagens, objetos e problemas. Sobre essa discussão ver LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre História: *Novos problemas, novas abordagens, novos objetos*: Paris, Gallimard, 1974.

<sup>11</sup> José Carlos Reis considera que Marc Bloch será o primeiro dos "novos historiadores" por ter inserido a dimensão da permanência na história. Rompe com a noção de tempo histórico tradicional, na qual o acontecimento imediato ocupa lugar central.



história e historiografia. Seu principal alvo foi a história política, recorrente à época, que, por sua vez, era de influência positivista, de caráter "diplomático", cuja ênfase era direcionada para a narrativa e para o factualismo. Marc Bloch, na sua *Apologie pour l'Histoire*<sup>12</sup>, obra em que explicita o que compreende como história e a forma pela qual o historiador deve fazer o seu trabalho, ou seja, o método, dentre outras questões, clama por uma história-problema, profunda e total. Esta História seria alcançada pela formulação de perguntas pertinentes feitas pelo pesquisador, a partir das quais ele questionaria o passado, através da aliança com as ciências sociais<sup>13</sup>.

A história total ou global era, para Bloch, a única que poderia reivindicar o estatuto de verdadeira, e, como mencionado, poderia ser construída através de uma colaboração recíproca com as ciências sociais. Considere-se que a intenção de abordar aspectos relativos à vida dos homens em sociedade exigiria métodos e técnicas de investigação e análise dos quais a história absolutamente não dispunha, tornando, portanto, fundamental essa "aliança a serviço da história", com o intuito de incorporar metodologias compatíveis para investigar novos temas e objetos<sup>14</sup>.

Além disso, altera-se substancialmente a noção de temporalidade. A ênfase será dada à longa duração, ou ao tempo longo, do movimento que é sucessão sem mudança<sup>15</sup>.

A partir dos anos 1950, alguns historiadores – E.P.Thompson, Eric Hobsbawm e Christopher Hill – começam a pensar na escrita da História mediante outras perspectivas. Um dos marcos nessa trajetória foi a publicação, em 1966, do artigo-manifesto denominado **A História vista de baixo**<sup>16</sup>, por Thompson. O eixo central do livro aponta para o estudo da sociedade a partir dos personagens que não estavam na ordem do dia. Trata-se das pessoas comuns, a exemplo dos operários e camponeses, com ênfase para o seu fazer cotidiano.

A referida linha historiográfica inglesa, ainda que tenha lançado suas raízes já no século XIX<sup>17</sup>, só adquire sólida sustentação teórico-metodológica a partir da

<sup>12</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>16</sup> THOMPSON, Edward P. *A História Vista de Baixo*. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. São Paulo: UNICAMP, 2001. pp.185-201 .

<sup>17</sup> Durante o século XIX encontramos, entre os intelectuais e cientistas sociais, duas principais tendências de análise: a cientificista, que no campo da História nós denominamos de Positivista, e a Marxista. A história de tendência positivista pode ser considerada como possuidora de uma visão muito conservadora da sociedade, tendendo a reproduzi-la e mantê-la sem uma vontade modificadora. Já a história de tendência marxista, alinha-se

adoção da proposta marxista que passa, então, a ser comum a um grupo de estudiosos reunidos em torno do Partido Comunista Inglês<sup>18</sup>. E.P. Thompson é um deles.

Edward Palmer Thompson nasceu em 3 de fevereiro de 1924. Seu pai, Edward Jonh, era britânico e sua mãe norte americana. Realizou seus estudos elementares em Kingswood, em uma escola pública – metodista. Ingressou na universidade de Cambridge, onde se inclinou para a História e posteriormente ingressou no Partido Comunista.

Além disso, salientamos as suas atividades como professor em aulas noturnas para trabalhadores, suas atividades na nova esquerda britânica (depois do rompimento com o Partido Comunista, em 1956), tendo como principal pressuposto o envolvimento com questões sociais do seu tempo, levando à prática a idéia de que a experiência influencia na produção intelectual.

Alguns consideram Thompson como um dos pais da história cultural, visto acreditar na importância da cultura na formação de um grupo social; como um historiador de tendência marxista, devido à sua ênfase pioneira nos valores culturais e morais, bem como, na experiência humana; como um opositor ferrenho ao **estruturalismo** (precisamos considerar que é em relação a este aspecto que Thompson combate uma certa corrente marxista que é o marxismo nos moldes de *Althusser*)<sup>19</sup>. Além disso, é importante salientar que Thompson foi um dos primeiros a se preocupar com “*uma história vista de baixo*” e, portanto, com os populares, suas tradições, e visões de mundo; com os “esquecidos” pela história oficial, influenciando trabalhos históricos com temáticas como, cultura popular, movimentos sociais, História das mulheres, dentre outras<sup>20</sup>.

A partir da década de 80, duas das principais influências que se fizeram sentir entre os historiadores brasileiros foram as obras de E.P. Thompson e Michel Foucault. E. P. Thompson (1924-1993) foi o maior expoente de um grupo de

---

principalmente com os movimentos políticos e culturais que se concentram entre o final do século XIX até meados do século XX.

<sup>18</sup> Tais Historiadores apresentam uma paixão pela história e pela análise sociológica da sociedade além de um profundo interesse pela discussão de um projeto político para a sociedade. Podemos afirmar que era fundamentalmente esse aspecto que os levava a engajarem-se em frequentes debates sobre a concepção marxista.

<sup>19</sup> Althusser é um dos principais estudiosos do marxismo. Para desenvolver a teoria marxista utiliza como método de análise o estruturalismo, que entre outros, afirma que os agentes-sujeitos só são ativos na história sob a determinação das relações de produção e de reprodução de suas formas.

<sup>20</sup> A influência de E.P. Thompson é perceptível, também no universo da produção historiográfica brasileira. Veja-se, por exemplo, os estudos desenvolvidos junto aos professores Edgar de Decca e Margareth Rago, da pós-graduação em História Social da UNICAMP.

historiadores formado no seio do Partido Comunista inglês durante o pós-guerra, do qual faziam parte também Eric Hobsbawm e Christopher Hill. Thompson é considerado o historiador inglês mais conhecido fora da Inglaterra, e seu estudo sobre a Formação da classe operária inglesa, publicado em 1963, é considerado um marco na chamada história “vista de baixo”. Trata-se de um trabalho em que estabeleceu um rico e constante diálogo com o marxismo.

Thompson esteve entre os primeiros a abrir, a partir do marxismo, caminhos para a percepção da cultura como dimensão fundamental de luta e tensão<sup>21</sup>. Sobre o termo Cultura ele afirma:

não podemos esquecer que cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume sob formas específicas das relações sociais e de trabalho<sup>22</sup>.

Longe de negar a importância dos fatores materiais, o autor, entretanto, não acredita numa relação hierárquica entre uma infra-estrutura (econômica) que determinaria linearmente uma superestrutura (cultural)<sup>23</sup>.

Criticando o determinismo, o reducionismo economicista e o racionalismo excessivos de algumas interpretações marxistas, Thompson se apropria de uma tradição do marxismo onde o sonho, a fantasia e o desejo, são ressaltados. Fonte de inspiração para muitos historiadores, Thompson esteve entre os primeiros a se preocupar com uma história que atendesse aos anseios das personagens que não estavam na ordem do dia, passando a falar das pessoas como sujeitos da História, a partir da idéia de que os mesmos são indivíduos carregados de experiências, colocando-os, também, como protagonistas da história. Consideramos que essa metodologia utilizada por Thompson vai além de um projeto de historiador, sendo também um projeto político de um homem enraizado na luta da esquerda inglesa.

<sup>21</sup> Afirma Lyhn Hunt (In: HUNT, Lyhn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 06): "Na história de inspiração marxista, o desvio para cultura já estava presente na obra de Thompson...".

<sup>22</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 22.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*.

Para Thompson, a categoria experiência revela-se como central. Para ele, é somente através da experiência que o indivíduo desenvolve e incorpora valores. Valores que, por sua vez, não podem ser compreendidos apenas como uma imposição, mas como criação, subjetivação, ressignificação. Nos costumes, no cotidiano, encontrar-se-iam férteis exemplos de resistência e luta, experiências que não ocorrem somente nos fóruns institucionais. Segundo Thompson:

A experiência humana, portanto, expressa o que há de mais vivo na história. É a presença de homens e mulheres retornando como sujeitos, construtores do devir e do presente. Não são as estruturas que constroem a História. São as pessoas carregadas de experiências<sup>24</sup>.

Portanto, a História para Thompson é feita pelas experiências cotidianas, vivenciadas por homens e mulheres. Noção que nos auxilia na análise sobre o fazer dos artesãos de Ribeira, visto que, como os personagens analisados por Thompson, carregam experiências cotidianas, fazem história exercendo golpes nos modelos institucionais que buscam estruturar e formatar padrões a eles direcionados.

Diante dessas questões, a noção de experiência é um “termo” importante no desenvolvimento de nossa problemática. Para Thompson, esse é o “termo ausente”. Um termo que falta. Sobre a experiência humana, ele escreve:

Os homens e as mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo — não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência* e em sua *cultura* das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.<sup>25</sup>

A experiência se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho; continuidade e temporalidade das sociedades “artesaniais”, em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho quando se

<sup>24</sup> BEZERRA, Holien Gonçalves. *E.P. Thompson e a teoria na história*. In: REVISTA PROJETO HISTÓRIA. Diálogos com E.P. Thompson. São Paulo, PUC-SP, 1981, p. 120.

<sup>25</sup> THOMPSON, E. P. *A Miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.

refere à produção em grande escala, como a das indústrias, por exemplo. No ensaio *O Narrador*, Walter Benjamin fundamenta o fim da narração e o declínio da experiência no mundo, assim colocando:

Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais. (...) Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências<sup>26</sup>.

Vale lembrar que Benjamin trata na sua obra de um período inserido no modelo do capitalismo moderno. Esse momento nos faz pensar em alguns aspectos da sociedade como, por exemplo, as mudanças causadas pelos processos de industrialização que, de certa forma, modificam a própria noção e importância que se dá, numa comunidade, ao narrador. É como se o mesmo não produzisse mais significados, como nas sociedades mais tradicionais. Nessas sociedades, há um certo respeito à palavra falada, pois, além da cumplicidade coletiva entre os seus membros, no ato de contar, circulam palavras que não foram herdadas aleatoriamente, mas sim, da cadeia dos ancestrais, grandes depositários das palavras nas comunidades orais que são veiculadas, pois existem nos narradores uma série de interesses em fazê-lo.

Como depositários dessas palavras, os anciãos, além da memória e testemunho vivo dessas sociedades, devem garantir, no ato de contar, a socialização dessas palavras/memórias.

A idéia central de Benjamin nos faz lembrar o fato de que na comunidade de Ribeira, observamos uma certa dualidade de práticas em relação aos artesãos. Em alguns, um certo distanciamento do universo do moderno e, em outros um certo desapego ao passado em nome da produção de uma gama de artefatos que pudesse simplesmente ser aceita no contexto da aldeia global - a idéia da sobrevivência frente a todo um contexto de carência social faz com que a última idéia seja compreensível.

---

<sup>26</sup> BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: *Magia e técnica, arte e política*, São Paulo: Brasiliense, 1987, p.197.

Mas, por mais perceptível que isso fosse, nos nossos estudos, conseguimos perceber que nos casos de Ribeira e Cabaceiras a noção de experiência tornava-se algo presente e importante em todos os momentos - de certa forma nota-se uma contradição ao pensamento de Benjamin - e, além disso, a mesma passa a ter um significado representativo junto aos sujeitos que compõem as oficinas artesanais, sejam como mestres ou mesmo como aprendizes. Os primeiros passam a ser depositários dessa experiência e tornam-se, assim, representantes da história da comunidade e dos saberes relativos, sobretudo dos ofícios. Aos segundos, é como se restassem as possibilidades de aprendizagem com essa mesma experiência personificada na figura do mestre.

## Capítulo 2 - A MEMÓRIA-MUNDO DOS OFÍCIOS

Tendo a História Social como eixo das nossas discussões, conforme demonstração feita no capítulo anterior, nos propomos a realizar um debate sobre as práticas existentes na comunidade de Ribeira de Cabaceiras a partir de alguns conceitos recorrentes em E.P Thompson. Dentre os conceitos mais expressivos, está o de **experiência** e, nesse sentido, é importante ressaltar que o historiador estava empenhado em recuperar a '*experiência*' - palavra polissêmica e conceito polifuncional - dos diversos grupos de trabalhadores, enquanto tal ou no seu cotidiano, "... dos imensos ares de condescendência da posteridade", e em mostrar que "não deveríamos ter como único critério de julgamento o fato de as ações de um homem se justificarem, ou não, à luz da evolução posterior"<sup>27</sup>.

Foi considerando os caminhos percorridos por Thompson, ao estudar a Formação da Classe Operária Inglesa, e as conclusões a que ele chegou que recepcionamos seu quadro conceitual e metodológico para buscar compreender a experiência dos artesãos de Ribeira e Cabaceiras.

Nesse sentido, este capítulo se orienta por fazer uma discussão sobre o mundo dos ofícios artesanais no couro, sem esquecer, sobretudo, de historicizar tal prática, bem como, de colher algumas falas dos sujeitos inseridos em tal atividade, a fim de suscitar certas questões sobre a memória dos artesãos (ou de um grupo deles), nas referidas comunidades, e de seus diversos saberes e tradições. Além disso, procuramos perceber as estratégias utilizadas pelos mesmos frente a diversas possibilidades encontradas no mundo atual.

### 2.1. O ofício do Couro: Historicizando uma prática

Como já foi explicitado, o ofício coureiro no território destacado, foi possível a partir do século XIX com a expansão da atividade pecuária. A respeito desta, citamos um trecho do **Decreto do Governo Provisório da Revolução de 1817**, que diz:

---

<sup>27</sup> E. P. THOMPSON. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Os sertões espontaneamente brotando vigorosos pastos chamam os seus gados para criar. As frutíferas ribeiras do Taperoá, Paraíba e Mamanguape, e os seus brejos valentes em produção, esperam que lhes dê a liberdade de produzir. Por isso, decretamos, como decretado temos, que todos os nossos patriotas do prefixo termo dum mês da data do presente decreto que retirem seus gados para os sertões tomada a linha de demarcação do sul a norte da Vila de Campina Grande, compreendendo todos os brejos a terminar de Bananeiras<sup>28</sup>.

No momento em que tal atividade se instala no sertão, temos que as populações nela envolvidas começam a desenvolver algumas atividades artesanais de caráter utilitário, a exemplo da confecção de gibões, perneiras, selas, arreios, alforjes, cartucheiras. É curioso perceber que, num primeiro momento, as atividades são desenvolvidas para o uso corrente de tais populações<sup>29</sup> e, num outro instante, já vai existir a preocupação com uma produção para o abastecimento das feiras – isso pode ser explicado a partir da idéia de desenvolvimento da pecuária e de algumas cidades no século XVIII. Como nos informa Nino Praxedes, artesão da cidade de Cabaceiras,

Meu pai me dizia que o povo começou a ser artesão porque tinha que sobreviver e os roçado não segurava por causa da seca (...) de duas uma... ou virava caxêro ou si não se pegava na arte. eu num queria muito porque artesão só morre pobre mas comecei... comecei mermo como a sina do meu pai, meu avô e assim vai...<sup>30</sup>

Contudo, nossa preocupação aqui não é explicar a expansão da pecuária, mas entender de que forma os homens dos territórios nela envolvidos se preocuparam em produzir artefatos de couro com o passar do tempo e como hoje essa prática torna-se um dos elementos sistematizadores da identidade da

<sup>28</sup> GOULART, José Alípio. *O ciclo do couro no nordeste: documentos da vida rural*. Rio de Janeiro: Editora SAI, 1966, p. 46.

<sup>29</sup> Nas nossas pesquisas percebemos que existe toda uma estética minuciosa nos artefatos de couro da comunidade de Ribeira. Notamos, através de algumas comparações primárias que as estrelas, os bordões, os entrelaces, usados como adornos tem uma ligação com alguns caracteres da cultura árabe. (isso talvez se explique pelas influências de tal povo na Península Ibérica). Sobre os árabes na península ibérica veja: RUCQUOI, Adeline. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.

<sup>30</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor no dia 12.10.06 pelo sr. Severino Praxedes (Nino Praxedes) na Cidade de Cabaceiras.



comunidade. Como fala a Sr.<sup>a</sup> Claudiene Ramos, artesã membro da ARTEZA, “a pessoa quando diz que é de Ribêra o povo pergunta logo se é artesão”.<sup>31</sup>

Afirmações como essa nos fez procurar entender como aquela comunidade passava a ser (re)conhecida pelos ofícios dos artesãos. Ribeira, em outros momentos, foi importante pela produção de alho, mas o artesanato tornou-se uma espécie de marca identificadora de seus habitantes, pois, na região do Cariri Paraibano somente aquela comunidade tinha um número significativo de artesãos coureiros e, ademais, os mesmos abasteciam as feiras de todas as cercanias de Cabaceiras e até de Campina Grande com seus produtos. Para entender isso, cabe indagar sobre como as identidades e os costumes se formam.

Segundo Thompson, “os costumes estão claramente associados e arraigados a realidades materiais e sociais da vida e do trabalho”<sup>32</sup>. No caso dos artesãos de Ribeira, esses costumes passam a ser elementos importantes na compreensão do mundo do trabalho nas oficinas domésticas, vistas por nós como espécies de Corporações de Ofício no sentido de que encontramos, nas mesmas, a presença de mestres, contramestres e aprendizes. São nesses espaços que as práticas se reproduzem para várias gerações, mediante a transmissão oral, com seu repertório de narrativas e regras que são exemplares e ajudam na perpetuação da idéia do *ser artesão*. Nesse sentido, diz Thompson: “o mesmo acontece com os ofícios que não têm um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade”.<sup>33</sup> Ao entrar em contato com o mundo dos ofícios nas referidas comunidades, percebemos que na transmissão dessas técnicas, o elemento que mais pesava era aquele relativo ao fato de quem carregava maior carga de experiências.

Lembremos que trataremos os ofícios dos artesãos em Ribeira de Cabaceiras, a partir das narrativas de experiências e vivências. Nesse sentido, lembramos mais uma vez a noção de “**experiência**”, destacada por E. P. Thompson, que é por nós utilizada, pois acreditamos que contribui para uma melhor compreensão da ação dos sujeitos (no caso, os artesãos) na história e, conseqüentemente, na comunidade. Tal termo está ausente em algumas outras

---

<sup>31</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor ao dia 12.10.06 pela Sra. Josefa Claudiene, no distrito de Ribeira.

<sup>32</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*.

obras e trazê-lo à tona é permitir trazer a cena homens e mulheres como sujeitos e atores principais do processo histórico. Sobre isso, afirma Thompson:

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: a experiência humana. É esse exatamente o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias do clube do pensamento, com o nome de empirismo<sup>34</sup>.

Thompson encontrou na escolha de narrativas de **experiência** a solução prática para analisar comportamentos, condutas e costumes na sua relação com a cultura - na realidade com culturas específicas -, com conteúdos de classe, histórica e geograficamente datados - a classe operária ou os trabalhadores rurais na Inglaterra do século XVIII e do início do XIX.

Parte significativa dos trabalhos realizados por pesquisadores em Ribeira de Cabaceiras ainda trazem algumas temáticas – bem tradicionais - que não respondem a alguns dos nossos anseios<sup>35</sup>. Alguns daqueles foram feitos por designers, fotógrafos e estilistas, com o objetivo de buscar traços das culturas tradicionais para elaborar exposições fotográficas ou desenhos para roupas e/ou tendências de moda que ressaltassem algumas das experiências coletivas dos artesãos destacados. Nesse sentido, essas comunidades são sempre nomeadas como lugares onde se misturam tradição e exotismo<sup>36</sup>.

Por outro lado, nossa proposta, ao contrário das anteriores, é a de entender o mundo do trabalho dos artesãos<sup>37</sup> de Ribeira e de Cabaceiras que se encontram inseridos num espaço: as oficinas – um palco de representação micro-cósmica da vida social em escala mais ampla. Buscamos colocá-los como agentes principais, detentores de um “*saber fazer*” jamais normatizado por manuais institucionalizados, mas intimamente ligados às práticas consuetudinárias, cujo grau de dependência estava escrito na hierarquização das funções no interior dos espaços produtivos - o mestre artesão e o aprendiz.

<sup>34</sup> THOMPSON, E. P. *A Miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.

<sup>35</sup> Entre esses trabalhos citamos aqueles feitos pelo COMPET, com objetivos ao melhoramento da cadeia produtiva dos artefatos em couro.

<sup>36</sup> Parte desses trabalhos são feitos por agências de turismo que tentam “vender” uma imagem bucólica de locais como Ribeira ou mesmo do Lajedo do Pai Mateus (centro de visitação para praticantes de trilhas e esportes radicais).

<sup>37</sup> Nesse sentido compactuo com as idéias de Thompson no que diz respeito a idéia de estudar a sociedade a partir dos personagens que não estavam na ordem do dia (trabalhadores). Estudar a vida cotidiana e as atividades das pessoas comuns nos seus locais de vida e trabalho.

Salientamos, também, que, nesse processo, a transmissão dos saberes acontece de forma lenta e contínua e materializa-se numa cotidianidade calcada pela convivência nas oficinas, fazendo com que nesse espaço produtivo se desenvolva o processo pedagógico-profissional. Este, feito através da idéia fundante de que o mestre controla os ajudantes e permite a utilização, por exemplo, de códigos de controle e hierarquização, visto por nós como uma simples possibilidade de obediência e inicialização. Lembremos a artesã Claudiane, quando afirma que aprendeu o artesanato na oficina do genitor e que, como disse: “desde pequena eu já ficava embaixo ma mesa do meu pai pegando aqueles restos de couro pra fazer alguma coisa... e meu pai ia me ensinado”.<sup>38</sup>

## 2.2. A memória-mundo dos ofícios: a importância da História Oral

Nosso campo de pesquisa restringiu-se ao município de Cabaceiras e o distrito de Ribeira, ambos localizados no Cariri paraibano, região que teve seu povoamento ligado às atividades de criação de gado, sendo, portanto, um território em que houve um desenvolvimento peculiar no que se refere à produção de um conjunto de técnicas em relação às peles caprinas e bovinas. Vale salientar, que as famílias dessas comunidades – especialmente da Ribeira – são formadas por camponeses que, num determinado período<sup>39</sup>, se dedicavam de uma forma mais sistemática ao cultivo do alho, mas, que na atualidade, dedicam-se aos trabalhos manuais nas peles de caprinos.

Pensamos inicialmente, em entrevistar aqueles que apareciam como mais “*tradicionais*” dentro das comunidades. No nosso campo amostral estão indivíduos de idades que variam entre 35 e 75 anos, o que nos fez concluir, a priori, que a maioria dos artesãos vivenciou momentos importantes da *dinâmica coureira*<sup>40</sup> das respectivas regiões.

No momento em que optamos por fazer uso da técnica de entrevistas, sentimos a necessidade de dialogar também, com o debate teórico-metodológico da

<sup>38</sup> Entrevista concedida ao autor ao dia 12.10.06 pela Sr<sup>a</sup> Josefa Claudiane (Ribeira). A mesma é cooperada pela ARTEZA e fabrica peças de bijuterias, tapetes, cortinas e outros objetos de decoração.

<sup>39</sup> O período de cultivo do alho na comunidade de Ribeira está inserido na década de 1980, conforme afirma o Sr. Renato, da ARTEZA.

<sup>40</sup> O que denominamos de *dinâmica coureira* seria o momento localizado entre as décadas de 1940-50 onde havia uma produção de artefatos de couro para os tropeiros, responsáveis pelo trânsito de mercadorias (principalmente algodão) no sertão da Paraíba .

História Oral. Passamos a problematizar a relação entre memória e identidades, bem como, os limites/potencialidades do uso da história oral.

Em relação a nossa primeira discussão, utilizamos as categorias explicativas de Maurice Halbwachs<sup>41</sup>, no sentido de fazer uma leitura dos testemunhos que fosse auxiliada pelo caráter dinâmico da memória coletiva e pela importância do indivíduo na construção dessas memórias. Observamos que ao recontar a história de suas vidas, esses indivíduos fornecem uma versão da história de seu grupo, e constroem narrativas sobre a história de seu ofício que tomamos como reinterpretações elaboradas ao longo do tempo, dependente do lugar social ocupado pelos narradores no momento em que essas memórias foram (re)visitadas. A partir dos olhos do presente, esses artesãos narram a história de trabalho/vida dentro das suas oficinas, recuperando mudanças sociais e transformações, e seus testemunhos emergem como uma análise dessas mudanças, além de serem um esforço dos mesmos, para construir o *ser artesão* (se é que podemos falar nisso), no qual eles próprios - como aqueles que se intitulam "guardiões" do arquivo de memória dos ofícios - exercem o papel de mediadores entre as gerações e de transmissores do valor social atribuído ao seu saber fazer.

Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, "é uma imagem engajada em outras imagens". Ou ainda,

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada<sup>42</sup>.

As lembranças podem ser simuladas quando, ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas, acabamos por

---

<sup>41</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004. pp. 75-76

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*, p. 75.

expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. Por outro lado, afirma Halbwachs,

Não há memória que seja somente imaginação pura e simples ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito. Nesse sentido, a memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal.<sup>43</sup>

Portanto, a memória apóia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita”<sup>44</sup>.

A nossa segunda preocupação foi com relação aos limites/potencialidades da História Oral. Para nortear nosso trabalho, utilizamos a obra de Montenegro<sup>45</sup>, que traz à tona alguns dos limites em relação à utilização da oralidade. Sobre essa questão, o referido autor nos coloca que o “entrevistado não tem obrigação de preencher as lacunas, estabelecer elos entre os fragmentos ou corresponder a projetos de pesquisadores ciosos de seu labor acadêmico”.<sup>46</sup> Nesse sentido, percebemos nas falas dos entrevistados que eles desejavam possuir o domínio da situação e que, por sua vez, nós procurávamos ouvi-los, para que depois pudessemos moldar os testemunhos, colocando as perguntas e, conseqüentemente, reagindo a algumas respostas de acordo como os interesses propostos na nossa pesquisa.

Um dos pontos positivos em ter utilizado a História Oral foi que ela nos permitiu a possibilidade de rememorar várias marcas de vida dos artesãos. Nesse sentido, nos foi possível acessar as histórias de populações/indivíduos que não têm

<sup>43</sup> HALBWACHS, Maurice. Op., cit., p. 78.

<sup>44</sup> Idem, ibidem, p. 75.

<sup>45</sup> MOTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral, caminhos e descaminhos*. In: Revista Brasileira da História. São Paulo, 1993, V.13, nº 25/26.

<sup>46</sup> Idem, ibidem, p. 56

domínio da escritura, visto atuarem, sobretudo no campo a oralidade. Muitas dessas memórias constituem pontos de vista localizados à margem da história oficial, considerando as limitações dessa ao se restringir à concepção Positivista de fonte enquanto constituída apenas por materiais escritos. Por outro lado, através deste esforço de pesquisa e da constante utilização de registros de depoimentos, a História Oral permite construir uma imagem do passado que consideramos ser, também, abrangente e dinâmica.

Segundo Pollak<sup>47</sup>, a História Oral ao privilegiar a análise dos excluídos, das minorias, tem ressaltado a importância das memórias subterrâneas, que, ao criarem seu processo de subversão no silêncio, terminam aflorando em momentos de crise, e, assim, o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. A História Oral possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais, geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos, deixando registradas, para análises futuras, suas próprias visões de mundo e, por conseguinte, aquela do grupo social a que pertencem.

Tal técnica permite que façamos o registro de memórias vivas, (representações), de uma comunidade, de uma família, de uma pessoa. É esta sua natureza que lhe confere o fascínio e a singularidade, visto que efêmeros são os gestos, as expressões, as inflexões da fala, os sentimentos, ou seja, as linguagens do corpo e da alma, na altura em que se usam e se trocam dentro de um sistema de relações sociais e culturais. A sua força vem da sua subjetividade, e o seu poder do interesse do narrador que traz à tona uma narrativa de experiências de acordo com os vários interesses que ele carrega no presente, no momento da entrevista. A História Oral é o registro da transmissão do conhecimento feita através da sutileza da língua falada. E, por mais que aqueles artesãos afirmassem no início de suas falas que “não sabiam contar histórias pois eram analfabetos”<sup>48</sup>, percebemos todo um conjunto de representações e de sensibilidades com relação ao seu saber-fazer: da sua arte.

---

<sup>47</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

<sup>48</sup> Percebemos que esse discurso foi comum no nosso campo amostral o que nos fez observar que os entrevistados construíam uma imagem para si que era a de serem analfabetos e não conhecerem a escrita e, que os colocava como pessoas que não teriam possibilidades de (re)contar as suas próprias histórias.

### 2.3. A oficina de Sr. Messias: passado, tradição e memória

Dentro das inúmeras possibilidades de trabalho encontradas em Ribeira, uma nos deixou mais curioso: a oficina do Sr. José Messias, que nos deixou, assim, talvez por parecer uma descrição de um recinto como um lugar de tradição.

Ao chegar no distrito, perguntamos sobre os artesãos mais antigos e fomos informados sobre o fazer artesanal de Sr. Messias. Na sua oficina, sendo perguntado sobre a tradição do artesanato no couro, ele afirmava,

Eu nasci na arte (...) Aprendi com o vêi meu pai... ele era artesão de mão cheia... artesão de corona, manta, cinturão, arfoge, borná. A gente trabalhava direto... nesse tempo o povo brigava por uma corona que era pra butã em cima da cela<sup>49</sup>

Ao escutar as palavras de Sr. Messias (seleiro), tentávamos entender o que levava aquele homem simples a continuar com o seu ofício. Essa pergunta permeou nossa pesquisa e nos fez pensar sobre a nossa prática e sobre as estratégias para tentar garimpar informações sobre o ofício da atividade coureira em Ribeira, tendo no Sr. Messias um ícone de tal atividade. Vale salientar que utilizamos essa idéia de ícone, pois é assim que ele consegue se representar frente à entrevista: a todo instante as falas de Sr. Messias convergem para a idéia de que só ele consegue, naquela localidade, manter as principais técnicas para decoração de alguns artefatos, como as selas para cavalos, por exemplo.

A questão da manutenção do ofício nos instigou a analisar as formas como este tem se dado atualmente. Com esse objetivo, procuramos identificar as diferentes formas de manutenção e podemos perceber que há os artesãos independentes, os cooperados atuantes na cooperativa e os cooperados não atuantes. O contato com o Sr. Itamar, presidente da ARTEZA<sup>50</sup>, nos permitiu acessar

<sup>49</sup> Entrevista concedida no dia 12.10.06 pelo Sr. José Messias Farias (Ribeira). O informante não é cooperado na ARTEZA e se coloca como uma espécie de “guardião” – por estar todo instante ressaltando que só ele sabe realizar os serviços nas coronas ou outros artefatos – do ofício tradicional do couro em Ribeira. Não é cooperado pelo fato de produzir alguns artefatos que perderam sua função comercial dado a redução paulatina dos mueres na região.

<sup>50</sup> A Arteza é uma Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro do Distrito de Ribeira, em Cabaceiras/PB. Lançou-se no mercado com uma proposta de curtimento vegetal, utilizando produtos de origem natural - Taninos vegetais -, com baixíssimo tratamento químico, couros com qualidade diferencial aliados à inovação tecnológica trazida pela SICTCT (Secretaria da Indústria, Comércio, Turismo, Ciência e Tecnologia) através do programa COMPET /CNPq, em parceira com o SENAI/CTCC e apoiado pela Prefeitura Municipal de Cabaceiras e o

o universo da cooperativa a que tem se congregado uma parte significativa dos artesãos. Em um primeiro momento, ele colocou-se a disposição para falar sobre a experiência da cooperativa por ele administrada, nos informando ainda que a mesma contava com o apoio de 22 cooperados, artesãos mestres e 86 aprendizes. A título de informação, foi-nos dito que hoje a ARTEZA produz cerca de 3.000 peças por mês, confeccionando, além do calçado, bijuterias e até produtos para vestuário e decoração em couro. A cooperativa congrega 16 oficinas caseiras e uma central, de uso comum, onde está concentrado o maquinário adquirido ao longo dos 8 (oito) anos de funcionamento.

A partir do contato com o Sr. Itamar, pudemos buscar informações sobre os indivíduos que comporiam o nosso campo amostral: queríamos pelo menos dois mestres e dois aprendizes (cooperados ou não) para tentar estabelecer uma discussão a respeito de temas como tradição, costumes e trabalho. Era essa nossa primeira intenção.

Nosso contato com os artesãos de Ribeira nos possibilitou perceber que os relatos enfatizavam aspectos da tradição que uma grande maioria considerava fundamental e, por extensão, necessário mantê-los. Essa idéia nos fez perceber que a valorização das tradições está cada vez mais evidenciada na comunidade, situação que nos remeteu para as discussões de Canclini<sup>51</sup>, para quem o sentimento de pertença a algo previamente estabelecido, dá ao indivíduo a idéia de que ele não está sozinho, mesmo que viva num mundo onde as relações se misturem e que a idéia de homogeneidade apresente-se a todo instante como algo consumado. Nas falas dos artesãos de Ribeira, percebemos que o passado passa a ser apropriado como forma de incrementar o desenvolvimento e a criação de práticas/produtos passíveis de comercialização, com o intuito de gerar retorno econômico e midiático para a comunidade. Essa idéia esteve em nosso horizonte desde o início e a consideramos ao longo da pesquisa. Convém ressaltar a percepção de que essa idéia aparece sempre nos discursos do presidente da cooperativa e no próprio discurso institucional de políticas públicas de fomento ao turismo e a comercialização

---

SEBRAE. As vaquetas atadas, solas e pelicas ganham forma e vida nas mãos dos artesãos, principalmente no Distrito de Ribeira. Tradicionalmente, a confecção de produção, como chapéus, artigos de vaquejada, sandálias e cintos, é passada de geração em geração, mantendo seus adornos, costuras e acabamentos bastantes peculiares. Esta referência artesanal regional orientou o design de novos produtos como acessórios de vestuários, artigos de montaria, escritório, movelaria, souvenirs, entre outros.

<sup>51</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.



dos produtos.

Optar pela história oral<sup>52</sup> como uma alternativa de estudo para acessar aspectos da vida social de pessoas, além de mexer no conceito de “personagem histórico”, possibilita, também, trabalhar com a questão do cotidiano, evidenciando a trilha da história dos “cidadãos comuns” em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente. Caracterizada como história do “tempo presente”, é conhecida como *história viva*. O desafio de um trabalho como este, com fontes orais, está na possibilidade de apreender as tensões entre os grupos sociais e os sujeitos individuais nos contextos em que elas são produzidas. As fontes orais fornecem, potencialmente elementos que permitem, de uma forma muito mais orgânica, apreender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas, comportamentos, etc. Apreender tudo isso, significa trabalhar com a complexidade da realidade social.

A tradição oral constitui um patrimônio predominante no contexto da comunidade aqui destacada. Através dessa pesquisa, nos foi possível conhecer e fazer conhecer melhor o conjunto de valores veiculados através da oralidade, bem como, acessar dados significativos da trajetória histórica da comunidade de Ribeira de Cabaceiras. Em se tratando de um método que cria seus próprios documentos, que são por definições diálogos explicitados através da memória dos depoentes, formando assim um triângulo entre a experiência do passado, o contexto presente e a cultura que se recorda, isso faz com que as fontes orais sejam resultantes de um trabalho da memória. Sobre essa idéia afirma Chizzoti<sup>53</sup>:

é um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou de várias pessoas e pode ter forma literária tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo das épocas ou períodos históricos. (...) Podem ter forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções

---

<sup>52</sup> Vale salientar que em momento algum idealizamos a técnica da história oral. Tínhamos consciência que tal fonte – como toda outra – era interessada, não era linguagem neutra, mas carregada de representações permeadas por individualidades e formas de lidar com o cotidiano.

<sup>53</sup> CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995. pp. 95-96.

subjetivas ou recorrer a fontes documentais para fundamentar as afirmações e relatos pessoais.

As conversas com os mestres e aprendizes ocorreram num clima que se fez curioso. Num primeiro instante entramos em contato com os *mestres*<sup>54</sup> com o intuito de realizar uma entrevista. Esse primeiro contato foi interessante, pois os mesmos afirmavam que não sabiam dar entrevistas seja por medo, timidez, ou mesmo, por uma certa contestação aos estudantes, como diziam “que vem aqui, entrevista a gente e vão embora<sup>55</sup>”. Dessa forma, demonstravam sua compreensão do movimento feito pela academia em busca de suas falas e do desconhecimento dos usos para que elas se prestariam, o que constrói uma relação de alteridade marcada pela desconfiança. Naquele momento, passamos a pensar que não conseguiríamos que falassem sobre ofícios, tradições e trabalhos.

Passamos, então, a contatar outros artesãos mudando nossas estratégias para conseguir seus depoimentos, utilizando outros termos, a exemplo: “podemos ter uma conversa com o Sr. sobre sua profissão ? É coisinha rápida, não vai atrapalhar seu serviço”. Notamos que o simples termo *entrevista*, de certa forma, aumentava a distância entre nós e eles. Passamos, dessa forma, a utilizar o simples termo *conversa*. Mas é claro, gravada. E deu certo. As histórias de vida passaram a fluir.

No nosso caso, a orientação adotada no processo de entrevista foi deixar o informante livre para falar sobre suas experiências, sua história de vida. Percebemos que as informações que, num primeiro momento, pareciam deslocadas, poderiam, numa leitura atenta do texto, ter relações com experiências, sentimentos, acontecimentos significativos na vida dos narradores. A título de exemplo, não entendíamos porque o Sr. Messias começava sua fala se remetendo as suas vindas à Campina Grande; então vejamos:

Eu ia pra Campina pegá resíduo e farelo pra gado num sabe? Na SANBRA. Durmia em campina lá embaixo na feira central que tinha uns hotel do povo daqui de Ribera e a gente dormia e bem cedim ia pra o São Braiz e dali tirava os resíduo de algodão pra encher as corona<sup>56</sup>.

<sup>54</sup> Entendemos como Mestres aqueles homens que a própria comunidade os conceitualizou como tal por serem portadores de um saber-fazer especializado e por serem modelos de artesãos.

<sup>55</sup> Essa fala nos marcou e foi revelada por Sr. Messias num momento inicial, de apresentação.

<sup>56</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor, no dia 12.10.06 pelo Sr. José Messias Farias (Ribeira).

Ele tinha um grande saudosismo com relação à empresa SANBRA<sup>57</sup> que era vista, no dizer dele, como o “lugá do cabra trabalhar (...) era bunita demais aquela zuada das máquina e aqueles caminhão lotado de algodão”. De início, percebemos que a rememoração de suas viagens e atividades, realizadas na SANBRA, era uma ressignificação de suas experiências do passado à luz das experiências do presente. Através dessa rememoração, ele fazia uma crítica às indústrias que se instalavam nos locais e que, com pouco tempo, passavam a se deslocar em busca de incentivos, demonstrando sua percepção sobre a forma como tem sido o processo de implantação de indústrias na Paraíba<sup>58</sup>. Em seguida, ele passa a tratar do assunto do couro.

Ao tratar do ofício do couro, o Sr. Messias nos fala com um grande orgulho sobre o fato de ser artesão. Na comunidade ele é conhecido como o artesão “*meio pabuloso*” (**orgulhoso do seu saber fazer**) - grifo nosso -, imagem que foi aparecendo nas primeiras palavras de sua fala quando dizia que:

Nessas redondeza sô quem sabe fazer corona sou eu” ou ainda, “eu tô com 66 anos e não vi aqui esses minino nenhum sabê fazer corona, sô eu e uma irmã minha que mora numa casa de alpendre ali e se chama Nací, é que sabe cortá, custurá e fazer aqueles desenho sô nós<sup>59</sup> .

Quando perguntado sobre os momentos onde se produziu mais artefatos, o Sr. Messias fazia questão de lembrar as décadas de 1950 e 1960. Acerca desse fato, nos disse:

Rapaiz na era de 1950 e 60 o povo brigava por uma corona. Olhe eu ia pra Boqueirão, pra Cabaceira e Campina e tinha semana que tinha briga na fêra por causa de uma corona e sabe por que? Por causa dos tropeiro que carregava muito algodão do sertão pra Campina e também porque o mêi de transporte mais importante era o burro e tinha que tê o materiã: corona, arforge, freio, sela tudo...hoje não... ta difícil porque o povo sô que andar de

<sup>57</sup> A Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA) quando do auge do ciclo do algodão, em Campina Grande, nas décadas de 1940, 50 e 60 representava uma das maiores indústrias de beneficiamento do algodão tanto pelo tamanho da mesma quanto pelo volume de algodão recebido para o seu posterior embarque para o porto de Cabedelo e, respectivamente para Europa. Sobre isso ver: ALMEIDA E SILVA, Josefa Gomes. *Raízes históricas de Campina Grande*. In: GURJAO, Eliete Queiroz (org.). *Imagens multifacetadas de Campina Grande*. Campina Grande: Secretaria de Educação. 2000.

<sup>58</sup> Podemos citar como exemplo de indústria que beneficiou-se das isenções de impostos, o caso da VALLIG NORDESTE. Instalada em Campina Grande com incentivos dados pelo Estado, através dos pressupostos da SUDENE, essa indústria encerrou suas atividades quando o período de isenções foi extinto.

<sup>59</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor, ao dia 12.10.06 pelo Sr. José Messias Farias (Ribeira).

moto e eu sei que é melhor ter uma motinha velha do que uma água... só é ruim porque moto não precisa de coroa (risos).<sup>60</sup>

Por outro lado, o ponto central do discurso de Seu Messias era o apego que tinha ao seu ofício e a forma como aquilo era construído, tornando-se, ao nosso ver, como a marca principal de identificação de sua família. É importante perceber que na sua fala predominou a relação: **bisavô – avô – pai – ele**. Onde podemos considerar que a oralidade termina por assumir uma certa função de norma sociocultural. Seu papel de transmissora de conhecimento na comunidade e, mais especificamente, de um conhecimento legitimado pela tradição, sempre em eterno retorno, circular, (pouquíssimas vezes) novo, determina os modos como se estabelecia, e se estabelece, tal quadro (aprender com os antepassados), como paradigma de valores a serem seguidos na/pela Comunidade. Tal relação foi entendida por nós como uma prática perpetuada pelas gerações, inicialmente como uma forma de sobrevivência frente a alguns problemas naturais da própria região, como por exemplo, a seca, e a impossibilidade de se praticar a agricultura. Criar-se “na arte” era uma possibilidade de vida/sobrevivência.

Além disso, percebemos, também, um certo desencanto com relação à idéia de que seu filho não se interessava pelo seu ofício. Na Ribeira, um certo contingente de jovens se interessava pelos ofícios do couro, fato que se deu com as intensas possibilidades que a cooperativa ARTEZA trouxe para muitos deles. Vale salientar que o discurso de que o artesanato foi a salvação para a Ribeira estava como freqüente nos depoimentos dos mais jovens, como indica a artesã Claudiane,

Olhe a cooperativa foi fundamental para a minha vida ... eu tava querendo até mudar de profissão de tão desesperada que eu tava sem ter a quem vender ... daí veio Arnaldo (prefeito da época) e deu a idéia a gente de criar a cooperativa e nós criamos e eu posso dizer com toda sinceridade que a ARTEZA foi e é a salvação de Ribeira... hoje todo artesão tem sua casinha, televisão, geladeira tudo com a renda do artesanato.<sup>61</sup>

No caso de Sr. Messias era diferente. A tradição estava estacionando com ele e aquele modelo discutido anteriormente estava se deteriorando e por isso, o

<sup>60</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor, ao dia 12.10.06 pelo Sr. José Messias Farias (Ribeira)

<sup>61</sup> Entrevista concedida ao autor ao dia 12.10.06 pela Sr<sup>a</sup> Josefa Claudiane (Ribeira).

mesmo, colocava-se como porta-voz de uma tradição secular que, por um lado, enfraquecia-se pelo fato de não haver um mercado consumidor para os seus artefatos e, por outro, se esfacelava, pois seu saber não iria se perpetuar. Era a quebra do modelo, da tradição e do costume em comum. Restava ao nosso informante apenas a memória, ou ainda, o apego ao passado. Em relação a essa problemática, afirma Rousso:

A história tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras, das interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que "não passam": se admitirmos que a história dos historiadores é apenas uma das formas de expressão da memória coletiva, apenas um dos vetores pelos quais se transmite e se reconstrói o passado [...]<sup>62</sup>.

A memória seja ou não como história da sociedade, tem o papel de nos libertar do passado<sup>63</sup>. Os estudiosos de história oral assinalam que a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também o registro do presente que permanece como lembrança. A memória pode ser considerada uma evocação do passado. É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais.

A manutenção desse "espírito" do passado, que é a tradição, pressupõe um centro em torno do qual elementos se movimentam sem, necessariamente, alterar qualquer configuração. E é aí que vai se dar a determinação de uma identidade para a Comunidade, em torno desse centro paradigmático da tradição, legitimador de relações e laços. O futuro não traria a continuação da tradição. Portanto, era preciso valorizar o passado familiar, ou ainda, valorizar aquele que era depositário da tradição: o mestre. Talvez esse possa ser o viés explicador para as palavras que iniciam o nosso texto – Seu Messias como um homem *pabuloso*. Orgulhar-se do ofício seria uma possibilidade de vê-lo sendo perpetuado?

No caso do S. Messias, ele toma-se lugar da tradição e da experiência em sua própria dimensão do "eu" e nas representações que os demais indivíduos da

<sup>62</sup> ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.93-102.

<sup>63</sup> Idéia, por exemplo, presentes nos processos terapêuticos utilizados pela psicanálise. Necessidade de rememorar para organizar a base do "eu" indivíduo, permitindo articular-se na mediação entre a experiência vivida e o seu presente.

comunidade fazem. Como nos lembra Walter Benjamin<sup>64</sup>, as experiências que passam de pessoa a pessoa se constituem em uma fonte onde todos os narradores embebedam-se, até porque, nessas narrativas, encontra-se uma significativa dimensão utilitária. Diz o autor sobre essas narrativas repassadas pelo contador: “Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida...”<sup>65</sup>

Por isso, Benjamin utiliza a categoria de um **narrador conselheiro**. Um homem que sabe dar conselho e que é capaz de tirar dessas narrativas a sabedoria e envolver de tal forma seus ouvintes nessas narrações, fazendo desse ouvinte, no ato de contar, o seu companheiro de história.

Benjamin fala também de um narrador enraizado no conhecimento popular. Ele se apresenta como um lapidador, que figura entre os mestres e os sábios. Aquele que, na sua arte de narrar, de dar conselho, fala sobre muitas coisas, como um sábio. Nada escapa de sua narração, devendo dominar um acervo de toda uma vida. Com tanta maestria, esse tipo de narrador no mundo de hoje, conforme Benjamin define, está cada vez mais difícil de se encontrar, pois o homem moderno vem ao longo de sua trajetória histórica desaprendendo a beber da sabedoria popular e, principalmente, a usar a voz como meio de transmissão desse saber. Além de proporcionar prazer ao ouvido, deve propor, através dela, as virtudes que venham a ajudar manter o laço social da comunidade. São eles que vão alimentar toda essa rede imagética dessas sociedades.

Nesse sentido, podemos pensar em uma função que nosso principal informante teve: ele passa a representar com suas inúmeras falas um repositório do saber artesanal do couro em uma comunidade e, como defende a tradição, ele passa a ser uma espécie de “responsável” pela perpetuação desse saber. No caso do Sr. Messias, há uma angústia na sua fala em não ver sua tradição continuada. Ele ressalva, enquanto apontava para o seu filho: “esse galego só quer saber de festa, de baile no clube de Cabaceiras. Não sabe fazer nada no couro (...) de vez em quando faz uma custurinha numa corona, mas só quando eu tô perto”<sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> BENJAMIN, Walter. *O Narrador. consideração sobre a obra de Nicolai Leskov*. In: *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>65</sup> Idem, ibidem, p. 200.

<sup>66</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor, no dia 12.10.06 pelo Sr. José Messias Farias (Ribeira)

### CAPÍTULO 3 - O SABER FAZER ESPECIALIZADO: MERCADOS EXIGENTES E PRÁTICAS (QUASE) ESQUECIDAS.

---

***“Quem quer ser universal que cante sua aldeia”***

Fernando Pessoa

Com a emergência da Nova Ordem Mundial e da possibilidade - iniciada pela industrialização - da produção em larga escala, visando a atingir um grande número de consumidores em espaços cada vez menores de tempo, as práticas mais tradicionais atravessam um momento de extrema valorização, a tal ponto que as atividades artesanais passam a ter uma outra visibilidade para um grande grupo de consumidores. Como diz Canclini<sup>67</sup>:

Nunca houve tantos artesãos, músicos populares nem semelhante do folclore, porque seus produtos mantêm suas funções tradicionais (dar trabalho a indígenas e camponeses) e desenvolvem outras modernas, atraem turistas e consumidores urbanos que encontram nos bens folclóricos signos de distinção, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem.

Em nosso trabalho, procuramos a todo instante estudar as práticas artesanais da Comunidade de Ribeira de Cabaceiras recente, de vinte, trinta e cinquenta anos, e até, séculos passados através da incitação da memória – realizando entrevistas orais - de velhos e jovens trabalhadores. Nesse sentido, conseguimos estudar tanto o lado simbólico da cultura, quanto a produção material, embora os reconheçamos como dimensões inseparáveis. Através dos depoimentos, conseguimos perceber que os elementos simbólicos são construídos pelos trabalhadores cotidianamente em suas produções, como possibilidades de sobreviver frente a um mundo onde prevalece o livre trânsito de todo tipo de mercadoria, com os mais diversos tipos de tecnologia, como também, uma possibilidade de se inserir como indivíduo produtor de um tipo de arte que a indústria não conseguiu realizar, mesmo com tanta tecnologia. É perceber que alguns artesãos da comunidade citada passam a

---

<sup>67</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 22.

despertar, em si mesmos, a idéia de que eles – populares - são lugares da tradição, de residuo elogiado, depósito de criatividade e de experiência.

Nesse sentido, lembramos as idéias de E. P. Thompson quando diz que as pessoas dotadas de *experiência* constroem, também, História. Os artesãos estão dotados de tais atributos, e nesse sentido, lhes escolhemos como agentes importantes para compreender uma peça no grande mosaico histórico que é a cultura popular paraibana.

Pensar na questão do artesanato nos dias atuais, ao nosso entender, torna-se necessário, pois se percebe que existem interesses variados com relação a tais práticas. O governo, por exemplo, passa a instituir alguns programas de incentivo e “auxílio” à produção artesanal, como se ver, no caso da Paraíba, no programa **Paraíba em suas mãos**. Um dos objetivos do mesmo, segundo os responsáveis, é o de garantir a autosustentabilidade de algumas regiões, bem como, a possibilidade da produção do emprego. Nesse sentido, lembramos Canclini, quando discorre sobre a experiência dos artesãos de alguns países da América latina:

O desemprego é outro motivo pelo qual está aumentando o trabalho artesanal tanto no campo como nas cidades deslocando para esse tipo de produção jovens procedentes de setores socioeconômicos que nunca trabalharam nesse ramo<sup>68</sup>

Lembremos: Que *nunca trabalharam* ou que trabalham neste ramo. Nesse sentido, vale destacar a história de Sr. Francelino, o Celminho, que nos coloca:

*O artesanato melhorou a vida de todo mundo. Já fiz até curso de computação e atendimento ao turista... Eu não tinha nem uma bicicleta e hoje já estou comprando uma moto nova... Ajeitei minha casa e, como pobre, hoje tenho tudo...Tem um irmão meu e um primo que também voltaram do Rio para montar um curtume... Estamos dando emprego até para quem não é da cooperativa.*<sup>69</sup>

<sup>68</sup> CANCLINI, Néstor García. Op. cit., p. 216.

<sup>69</sup> Fala extraída de propaganda veiculada na TV sobre o Programa de Artesanato da Paraíba. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Programa de Apoio ao Artesanato da Paraíba foi criado pelo Decreto Governamental nº 24.647/2003, de 01 de dezembro de 2003. Tem como objetivo promover o desenvolvimento do artesanato paraibano, para que seja reconhecido nacional e internacionalmente, de forma integrada com o turismo, melhorando as condições de vida dos artesãos e artistas, através da geração de trabalho e renda, bem como, preservando as formas de identidade cultural da região, que podem ser transmitidas por processos educacionais às novas gerações. Com características inovadoras, dentro de uma perspectiva



No caso dos artesãos de Ribeira, desde o início dos anos 1990, vêm vivenciando uma enxurrada desses programas e, nesse sentido, o mais importante – não por ser o atual, mas por pensar em toda a cadeia produtiva – é o **Paraíba em suas mãos**<sup>70</sup>. Este, que conta com a parceria do Sebrae/Paraíba tem como objetivo primordial contemplar, de forma integrada, toda a cadeia produtiva artesanal. A função é atuar na organização social, na capacitação gerencial, no acesso ao crédito, na tecnologia da produção, na promoção e na comercialização, preservando as raízes da arte, da cultura e da representação social paraibana.

Segundo Marielza Rodrigues Targino de Araújo, “O Programa Sebrae de Artesanato visa estimular o crescimento e a melhoria da atividade artesanal, reconhecendo a importância econômica e cultural do setor, preservando técnicas, tradições populares e valorizando a identidade dos artesãos”.<sup>71</sup>

Já o Sr. José Carlos da Cooperativa ARTEZA – que, também, enxerga de forma positiva o Programa – comenta:

Estes recursos são uma oportunidade de formamos um fundo rotativo, o que permitirá um trabalho sossegado e contínuo. Geralmente, o cliente não adianta o dinheiro da matéria-prima e para cumprir as encomendas temos que recorrer ao cartão de crédito. Agora teremos nosso próprio capital.<sup>72</sup>

O programa chega a oferecer aos artesãos da Ribeira uma gama de possibilidades, tais como, cursos que os ajudam a redefinir, tanto questões relativas à produção de alguns produtos até à gestão financeira nas respectivas cooperativas.

---

sistêmica, baseada num modelo de gestão compartilhada com o Sebrae/PB, imprime ao setor de artesanato um enfoque diferenciado, no que tange à organização social, capacitação gerencial, acesso ao crédito, promoção e comercialização, colocando-o como uma verdadeira atividade econômica interferindo de forma direta e benéfica no cotidiano do artesão.

<sup>70</sup> A partir do ano de 1997, o Governo do estado, através da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia – SICCT, com apoio do CNPQ, implantou o Programa de Modernização e Competitividade dos Setores Econômicos Tradicionais - COMPET – que tem focalizado suas iniciativas no fortalecimento do arranjo produtivo da ovinocaprinocultura para daí organizar e estruturar a cadeia produtiva do artesanato do couro caprino e ovino.

O marco das ações do COMPET no Distrito de Ribeira, consistiu na busca pela estruturação dos artesãos, contemplando, de forma objetiva e sistêmica, a organização da sociedade local, a capacitação profissional, o aumento do grau de comercialização, o “resgate” cultural de uma atividade secular e a promoção da inclusão social dos artesãos mediante a criação da Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro de Ribeira de Cabaceiras Ltda – ARTEZA.

<sup>71</sup> Fala extraída do site: [www.sebraepb.com.br](http://www.sebraepb.com.br).

<sup>72</sup> Fala extraída do site: [www.sebraepb.com.br](http://www.sebraepb.com.br).

Aliás, as cooperativas são uma realidade latente, propostas também pelo referido programa. Tais instituições nos faz lembrar, a grosso modo, as antigas Corporações de Ofícios no sentido de que existem para dar certa proteção e valorização aos produtos que são produzidos por determinadas categorias de artesãos. Além das cooperativas, percebemos que os artesãos participam de feiras, congressos e *workshops* como forma, entre outras, de globalizar os seus saberes, suas experiências, bem como, seus produtos. Estes fatos nos fazem lembrar de alguns conceitos, como o de **hibridização**, de CANCLINI quando diz que “os migrantes do campo adaptam seus saberes para viver nas cidades e seu artesanato para atrair o interesse dos consumidores”.<sup>73</sup>

É necessário perceber que a partir do momento em que o artesanato do couro na Ribeira passou a se globalizar, os artesãos passaram a aproveitar essas oportunidades que a Nova Ordem Mundial lhes proporcionava. Ao invés de se sentirem como simples portadores de um saber-fazer, tais homens, passaram a pensar na necessidade de produzir segundo as necessidades dos mercados. Passaram a melhorar os produtos como uma forma dos mesmos aparecerem como algo “diferente” diante da imensa malha de produtos artesanais. Idéia que observamos nesta afirmação, que perpassa as entrevistas, e que o Sr. Nino Praxedes nos coloca: “Artesanato agora é coisa de gente chic, o povo tá comprando as peças pra colocar na casa ou dá de presente”<sup>74</sup>. Ao escutar o Sr. Nino rememoramos o que diz CANCLINI<sup>75</sup>, quando afirma:

O que vê o turista: enfeite para comprar e decorar seu apartamento, cerimônias “selvagens”, evidências de que sua sociedade é superior, símbolos de viagens exóticas a lugares remotos, portanto, do seu poder aquisitivo. A cultura é tratada de modo semelhante à natureza: um espetáculo. As praias ensolaradas e as danças indígenas são vistas de maneira igual. O passado se mistura com o presente, as pessoas significam

<sup>73</sup> De forma original, Canclini analisa as estratégias de entrada e saída da modernidade, partindo do princípio de que na América latina não há uma firme convicção de que o projeto moderno deva ser o principal objetivo ou o algo a ser alcançado, “*como apregoam, políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias*” (p.17). Essa convicção tão presente e relevante para o crescimento econômico das chamadas potências mundiais, desestabilizou-se a partir do momento em que se intensificou as relações culturais com países recém independentes do continente americano, na medida em que se cruzaram etnias, linguagens e formas artísticas. O conceito de Hibridação passa a ser pensado a partir desse pressuposto.

<sup>74</sup> Entrevista concedida ao dia 11.10.06 pelo sr Severino Praxedes (Nino Praxedes)

<sup>75</sup> Para Canclini existe uma relação de consumo com a cultura popular, que ocorre principalmente no âmbito do Turismo que agrega em si um discurso profundamente ideologizado, inclusive pela própria mídia.

o mesmo que as pedras: uma cerimônia do dia dos mortos e uma pirâmide maia são cenários a serem fotografados<sup>76</sup>.

É claro que o contexto de estudo de Canclini é bem diferente, mas o compartilhamento do pensamento é com relação à idéia de que existe uma certa *exotização/romantização* no/do trabalho tradicional. É como se eles (artesãos) fossem somente depositários fiéis de um saber e que o fizessem simplesmente por um sentimento de apego à tradição. Em alguns artesãos até conseguimos perceber isso, mas somente quando estes tinham outras possibilidades de ganho, de sobrevivência. Como nos lembrava o Sr. Messias<sup>77</sup> que dizia que vivia com uma aposentadoria e –ainda – estava fazendo as coronas para “*passar o tempo*”.

Nos artesãos cooperados, os discursos eram modificados e se articulavam a partir da idéia de que a cooperativa constituiu uma espécie de *salvação* para o distrito de Ribeira e que, sem a mesma, o citado território não seria reconhecido. Encontramos discursos como o de Claudiane que afirma:

... depois da fundação da cooperativa todos aqui querem trabalhar na atividade coureira... às vezes tem muita gente que nunca viu um couro e quer trabalhar logo aqui... quando eu trabalhava com meu pai fazia roupa de vaqueiro só que quando ele morreu nós tivemos muitas dificuldades porque hoje quem fabrica corona, roupa de vaqueiro, alforges, freios você fabrica mais como decoração... é alguém que acha bonito ai compra pra colocar na parede né e outra ninguém precisa mais desses artefatos pois todo mundo hoje quer é uma moto ai não precisa dizer mais nada né. Pra tu ter uma idéia o sonho dos jovens da Ribeira era terminar o ensino médio e ir embora pro Rio de Janeiro pegar uma faxina e agora não os meninos querem ser é artesão... né melhor?<sup>78</sup>

A vertente que a artesã acima constrói seu discurso para nós torna-se curiosa, pois percebendo a existência de uma população consumidora, que enxerga os seus artefatos como algo *bonito pra colocar na parede*, os artesãos passam a perceber a valorização do trabalho com o couro e a articular estratégias para se inserir no processo produtivo mais acelerado e mais globalizado: a cooperativa

<sup>76</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. Op., cit.

<sup>77</sup> Percebemos uma certa contradição nos discursos do Sr. Messias por num primeiro instante ele tinha uma grande decepção pelo fato do seu filho não querer continuar a tradição, mas num segundo momento ele consegue afirmar que não vive mais da arte.

<sup>78</sup> Entrevista concedida ao autor ao dia 12.10.06 pela Srª Josefa Claudiane (Ribeira).

ARTEZA (vista como um lugar de produção artesanal para atender um mercado cada vez mais exigente) é uma dessas.

Além da extrema valorização do *ser cooperado* (parafraçando o sr Itamar: *o povo não vai comprar mais um artefato a mim, Itamar, mas a ARTEZA*) o discurso da valorização da tradição, da técnica de produção artesanal, do saber-fazer passa a ser eixo norteador das falas. Uma das vertentes utilizadas por nós para entender o ofício tradicional do couro em Ribeira é a de que os mesmos utilizam os seus saberes para sobreviverem/inserirem num mundo cada vez mais dinâmico.

Nosso objetivo foi utilizar alguns conceitos do E.P. Thompson que, ao trabalhar no sentido de entender algumas características da sociedade moderna, nos emprestou uma categoria explicativa importante: a da experiência; e de Canclini que, por sua vez, trabalha com possibilidades de entender a sociedade atual: globalizada e transnacional, bem como, as estratégias encontradas pelos grupos humanos a fim de se inserirem na aldeia global. Compreensões que foram úteis para entendermos algumas problemáticas:

- a) a de que há uma perpetuação do saber-fazer como uma possibilidade de resistência dos mesmos frente a todo um processo (que propõe uma redefinição estética dos produtos artesanais, como uma forma de melhoramento visual, para alcançar um número considerável de consumidores), mas também de uma possibilidade de perpetuar essas tradições como uma forma de fortalecer os traços identitários dos sujeitos em questão;
- b) E a relativa à idéia de que, para adaptar-se ao mundo globalizado e aos mercados em constante processo de aceleração e modificação, era importante para o artesão, redefinir suas técnicas ou saberes, mas sem abandonar a idéia de que são portadores de uma arte, que é deles, da família, pais, avós, bisavós e que subsiste até hoje com traços bem tradicionais, ainda que em alguns casos sejam bem modernos (no sentido da utilização de maquinário). Os artesãos conseguem atuar na contemporaneidade definindo e redefinindo várias formas de concepção e de construção do próprio saber artístico, até como uma forma de continuar inserido na aldeia global.

Talvez seja possível fazer uma interpretação final sobre essa polarização *antigo X moderno*, observando como há a possibilidade de redefinição de uma tradição (a da oficina artesanal), em face do fim irreversível da arte do couro, fenômeno que, por sua vez, parece ocorrer em nome do moderno e, acima de tudo, da sobrevivência. Por isso a *tarja* escura sobre os nossos olhos: não queríamos vê-los como simplórios trabalhadores – numa visão romantizada do próprio fazer artístico. Mas como homens e mulheres que tentam driblar os desafios da própria vida através de mecanismos variados, mas com uma identidade: a dos costumes em comum, das experiências em comum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Uma das propostas mais importantes desse texto foi promover uma reflexão sobre algumas representações e identidades que são constantemente (re)construídas dentro da temática do mundo do trabalho. Para isso, partimos da idéia de escolha de uma comunidade (Ribeira de Cabaceiras), para que, a partir dela, pudéssemos pensar sobre um dos elementos constitutivos da sua identidade: o ofício tradicional de artesanato em couro caprino.

Num mundo que cada vez mais se globaliza, refletir sobre o ofício tradicional e sobre profissões que estão em fase de transformação é, antes de tudo, uma proposta desafiadora, pois, na atualidade, convivemos com um paradoxo, que se transmite, pela idéia recorrente em parte da sociedade, de que deve haver uma continuidade das tradições, dos ofícios tradicionais, pois eles possibilitam aos indivíduos entrarem em contato com algo que já foi extinto em várias regiões. Numa visão bem romantizada, essa porcentagem da sociedade elenca as tradições, e mais especificamente, os mestres artesãos como depositários de uma memória, de um determinado saber-fazer que vive em constante declínio ou mesmo extinção.

Outros setores dessa mesma sociedade já defendem que em tempos de cibernética, robótica, mecatrônica e nanotecnologia, tais tradições, nada contribuem para o progresso e essa idéia se traduz na defesa da não continuidade, ou mesmo, na maioria dos casos, na apatia em relação a essas tradições ou assuntos afins.

Tendo como base esse contexto, passamos a pensar nas possibilidades de refletir como na comunidade em questão – que convive hoje com uma enorme possibilidade de criação e recriação das antigas tradições coureiras tanto no campo do curtimento das peles de caprinos ao modo ecologicamente correto (utilizando o tanino vegetal extraído da casca do Angico, planta nativa), quanto na própria produção de um aparato de artefatos que servem como sustentáculos econômicos da referida comunidade.

Foi a partir dos vários contatos com os mestres artesãos dessas comunidades que pudemos chegar a algumas reflexões colocadas nesse texto. É claro, que o mesmo não teve o objetivo somente de recriar uma versão da vida dos mestres dos ofícios tradicionais, mas, possibilitou, a partir dos encontros com os mesmos, pensarmos nas várias estratégias utilizadas pelo historiador na sua relação com o

seu saber: a História como campo investigativo (ciência/ arte/ narrativa) nos possibilitou pensar também nas linhas teóricas e nas metodologias utilizadas para, como diz Michel de Certeau, conseguir realizar a *operação historiográfica*.

Para isso, utilizamos o aparato teórico da História Social, mais especificamente com a figura do E.P.Thompson, principalmente no que se refere à utilização da idéia de que é importante realizar um estudo da sociedade a partir dos personagens que não estavam, segundo a historiografia mais tradicional, elencados como sujeitos ativos da História. Nesse texto, estes aparecem sempre sendo enfatizados como sujeitos carregados de experiências que, ao nosso ver, são importantes na própria construção da narrativa histórica.

Ainda sobre essa problemática, reconhecemos que os aparatos conceituais da História Social nos forneceram várias possibilidades de leitura em relação às comunidades referidas, mas tal aparato, também nos mostrou algumas limitações, principalmente no que toca a alguns conceitos e representações que, num outro instante passaremos a abordar utilizando outras possibilidades como, por exemplo, as discussões da História Cultural, que tem em Roger Chartier seu máximo expoente.

Quando percebemos que havia uma certa limitação por parte do aparato conceitual da História Social, principalmente no que se refere as explicações sobre a convivência das atividades tradicionais com a aldeia global, optamos por utilizar outras leituras como por exemplo a de Nestor Garcia Canclini.

Além disso, este texto nos fez refletir sobre algo que é essencial na escritura da narrativa histórica: as fontes. Paralelamente aos documentos escritos foi utilizada a fonte oral. Essa nos possibilitou repensar alguns conceitos, como a importância da memória na (re)construção e na (re)criação da própria História. A partir das entrevistas, pudemos perceber que as memórias individuais sempre são construídas a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo e que a origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuíamos a eles (artesãos) são em grande parte, inspiradas pelo grupo e criadas segundos os interesses do presente. Aliás, em se falando de interesses do presente, percebemos nas nossas pesquisas que os artesãos utilizam-se de diversas estratégias de convivência com o mundo globalizado. Para entender todas essas estratégias, foi necessário – como dito anteriormente - a utilização de um outro aparato conceitual, encontrado nas compreensões de Nestor Canclini.

Esse autor nos fez refletir sobre a problemática da modernidade na América latina, principalmente para os denominados grupos tradicionais. A modernidade, que já não se apresentava mais como uma via sem saída, mas como algo em que era possível adentrar, ou mesmo sair. Nesse sentido, percebemos que a comunidade de Ribeira vence a primeira possibilidade: adentrar na modernidade de acordo com os interesses dos indivíduos portadores do ofício do artesanato significava, para nós, uma ruptura com a imagem cristalizada do artesão somente como portador de um saber fazer e esquecido num remoto lugar. Estes, concluímos, aproveitam-se constantemente do lugar construído para si para sobreviver frente à modernidade construindo diversas estratégias para isso.

Portanto, trabalhar com os grupos de artesãos das comunidades de Ribeira levou-nos a uma reflexão de como o artesanato deixou (ou está deixando) de ser visto e representado simplesmente como uma arte secundária e passou a constituir-se como elemento importante, ativo e representativo do mosaico que é a cultura regional paraibana. Além disso, nossa pesquisa nos fez perceber que se existem projetos de preservação das tradições, estes só podem se efetivar como projetos democráticos se ao seu lado forem construídas uma rede de estratégias que faça o artesão sobreviver no seu território de origem, como por exemplo, fazendo do seu ofício uma alternativa econômica de alto-sustentabilidade da região.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. In: Cadernos de História-UFRN, Natal, vol. 2 nº 1p. 07-12 jan-jun 1995.

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 (Col. "Primeiros Passos", vol. 36).

BASSANEZI, Carla S. B. E. P. *Thompson e a História*. In: Revistas Temáticas doutorandos em Ciências Sociais. Ano 2 nº 1º semestre de 1994, IFCH – UNICAMP

BENJAMIN, Walter. "O narrador". Consideração sobre a obra de Nicolai Leskov, In: *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Narrador*. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais e globalização*. RJ: Editora UFRJ, 2000

\_\_\_\_\_. *As culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de História e metodologia*. RJ, Campus, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

DARNTON, Robert. *Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint Severin*. In: *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, Koogan, 1989.

GOULART, José Alípio. *O ciclo do couro no nordeste: documentos da vida rural*. Rio de Janeiro: Editora SAI. 1966.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

MENEZES, Marilda Aparecida *et alii*. *Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo*. Trabalho apresentado na Reunião de Antropologia do MERCOSUL (V RAM) – Florianópolis, no GT IX – Antropologia, trabalhos de campo e subjetividade: desafios contemporâneos.

MONTERO, Paula. *Cultura e democracia no processo de globalização*. In: *Cadernos Novos Estudos CEBRAP*, nº 44, Março de 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral, caminhos e descaminhos*. In: *Revista Brasileira da História*. São Paulo, v.13, nº 25/26 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REIS, José Carlos. *Annales: A renovação da história*. Ouro Preto: UFOP, 1996.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.93-102.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *O direito a memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura e Departamento de Patrimônio Histórico – DPH, 1992.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da teoria*. In: Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre o texto*. In: \_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: UNICAMP, s/d. ("Textos didáticos").

\_\_\_\_\_. *A História Vista de Baixo*. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. São Paulo: UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

XIDIEH, Oswaldo Elias *et alii*. *Catálogo da Feira Nacional da Cultura Popular*. São Paulo: SESC, 1976.

## FONTES

---

Entrevista concedida ao dia 12.10.06, pelo Sr. José Messias Farias (Ribeira).

Entrevista concedida ao dia 12.10.06, pelo sr Severino Praxedes (Nino Praxedes).

Entrevista concedida ao dia 11.10.06, pelo Sr. Itamar Farias (Ribeira), presidente da Cooperativa ARTEZA.

Entrevista concedida ao dia 12.10.06, pela Srª Josefa Claudiane (Ribeira).